

A Musicalidade de Luana Flores em "Nordeste Futurista": uma análise sociocultural

Comunicação

GTE 17 – Interesse público, educação musical e etnomusicologia em diálogo

Sara Noêmia Cavalcanti Correia

Professora na Prefeitura Municipal de João Pessoa-PB

avozdasara@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma análise descritiva do trabalho musical "Nordeste Futurista", da artista paraibana Luana Flores, explorando a diversidade cultural presente na obra, suas referências musicais e características do contexto histórico-social de sua produção. Através de uma abordagem sociocultural, o estudo examina como a artista concilia tradições populares nordestinas com sonoridades eletrônicas contemporâneas, ressignificando a identidade regional e projetando-a para um futuro imaginado. A metodologia da análise faixa-a-faixa detalha as nuances sonoras de produção e coprodução, enquanto a discussão com a literatura a posiciona no debate acadêmico sobre produção de música independente no Nordeste brasileiro.

Palavras-chave: Nordeste Futurista, Luana Flores, Identidade Sonora.

Introdução

O Nordeste brasileiro, com sua riqueza cultural efervescente, tem sido palco de inúmeras manifestações artísticas que desafiam as fronteiras entre o tradicional e o contemporâneo. No epicentro dessa efervescência, a artista paraibana Luana Flores emerge com seu primeiro EP¹, "Nordeste Futurista", lançado em 2021, como um projeto emblemático que condensa e expande a própria noção de musicalidade nordestina.

O presente artigo busca investigar a musicalidade presente em "Nordeste Futurista" sob uma ótica sociocultural, analisando a diversidade cultural que a obra abraça, suas referências musicais e o contexto histórico e social em que se insere. Além disso, faremos uma análise faixa a faixa do EP e uma discussão com a literatura, visando contextualizar a produção de Luana Flores no cenário mais amplo dos estudos sobre música e cultura no Brasil.

¹ Disco de reprodução estendida [extended player, EP], de acordo com o Oxford Music Online.

Conforme aponta Muniz Sodré (1998) em suas análises sobre a semiótica da cultura brasileira, apropriações e ressignificações são inerentes aos processos culturais no país. "Nordeste Futurista" é um exemplo dessa dinâmica, ao digerir e transformar ritmos e estéticas de maneira inovadora.

Contexto Histórico e Social: o Nordeste na Vanguarda

O lançamento de "Nordeste Futurista" em 2021 se insere em um contexto histórico e social de crescente visibilidade e empoderamento da produção cultural nordestina, sobretudo por mulheres. A Paraíba, em particular, tem se destacado como um polo de inovação artística. A maior acessibilidade às tecnologias de produção musical e a democratização das plataformas de distribuição digital impulsionaram uma nova geração de artistas a explorar sonoridades antes inexploradas.

Este movimento está em consonância com a ideia de descentralização cultural que tem ganhado força nos últimos anos, o qual considera que a realidade da produção artística não se restringe aos grandes centros urbanos do Sudeste. O trabalho de Luana Flores reflete as aspirações de uma juventude que busca se expressar de forma autêntica e que vê no Nordeste um terreno fértil para a experimentação. A obra, assim, é um reflexo das transformações sociais e tecnológicas que redefinem a paisagem cultural brasileira, conforme análises de Laymert Garcia dos Santos (2003) sobre a relação entre tecnologia e cultura no Brasil.

A Construção da Identidade Artística de Luana Flores: Raízes, Ofício e Desafios

Luana Flores, produtora musical, *beatmaker*², *DJ*³, percussionista, cantora e compositora, é uma multi artista paraibana que se destaca na cena musical por desenvolver um trabalho que aborda temáticas como gênero, sexualidade e território. Nascida em João

² Aquele que cria batidas sonoras digitais, de acordo com o Oxford Music Online.

³ **DJ** [Disc jockey]. Um **DJ** pode ser um artista em casas noturnas que cria música contínua para dançar, mixando e juntando faixas pré-gravadas; também, nas últimas décadas, um músico especializado em toca-discos. O **DJ** surgiu nos Estados Unidos no final dos anos 1970 e início dos anos 80 em festas de quarteirão, onde dois toca-discos e um mixer eram usados para criar uma mistura de batidas, riffs e ganchos como pano de fundo para os primeiros rappers. Algumas das fontes mais improváveis de breaks — principalmente o rock and roll dos anos 1950 e 60 — e instrumentais foram tocados e cortados no início do Hip Hop.

Pessoa, Paraíba, sua trajetória artística abrange mais de duas décadas, transitando do *hardcore*⁴ ao samba de coco.

A construção de sua identidade artística é marcada pela fusão de ritmos tradicionais do Nordeste, como o forró, maracatu, coco e baião, com sonoridades eletrônicas contemporâneas, como o *techno*, *house* e *drum and bass*⁵. Essa alquimia sonora não é apenas estilística, mas também uma tentativa consciente de expandir as fronteiras do que é compreendido como "música nordestina", ressignificando a identidade regional e projetando-a para a inserção em um contexto de produção, distribuição e circulação de um produto musical original até então inimaginável.

Desde os anos 2000, Luana Flores atua na música, desenvolvendo um trabalho que valoriza a cultura nordestina e a ancestralidade, ao mesmo tempo em que experimenta e inova. Ela é uma das fundadoras do grupo Coco das Manas, um coletivo feminista paraibano (Garcia, 2019). Sua obra se insere em um movimento mais amplo de artistas nordestinos que, agregam o uso de novas tecnologias e perspectivas globais, reinterpretando o patrimônio cultural musical de suas regiões.

Em 2021, Luana Flores lançou o seu primeiro EP, o "Nordeste Futurista", um projeto que condensa e expande a noção de musicalidade tradicional nordestina. O "futurismo" em seu trabalho não é apenas um adjetivo estético, mas uma proposição de como a tradição pode ser vitalizada e reinterpretada através da desconstrução e reconstrução de células rítmicas, melódicas e literárias que remetem ao contexto de vida, à própria ancestralidade e à música popular nordestina, utilizando para essa alquimia, sintetizadores, samplers⁶ e efeitos digitais. Esse processo de "futurização" das raízes dialoga com o conceito de "tradição em movimento"

⁴Subgênero do punk rock, desenvolveu-se no final da década de 1970, buscando ser "mais pesado, mais rápido, mais barulhento" do que as versões anteriores do gênero.

⁵ Uma forma de música eletrônica de clube do século XX.

⁶ **Sampler** [**amostrador** de som] (Fr. échantillonneur; It. campionatore) Um instrumento musical eletrônico que não possui som próprio, mas cujos sons são inteiramente derivados de gravações. O termo é derivado da técnica de análise que faz parte de um processo de gravação digital, no qual as formas de onda sonoras são amostradas em fatias minúsculas (tipicamente entre 40.000 e 50.000 vezes por segundo). Os primeiros **samplers** digitais foram construídos durante a década de 1970.

ou "reinvenção cultural", presente em estudos de Sansone (2004) sobre a dinâmica das identidades afro-brasileiras.

Entre as dificuldades enfrentadas na lide com sua arte, Luana Flores demonstra em suas canções, uma consciência das barreiras geográficas e da necessidade de descentralização. Ela enfatiza que estar em projetos internacionais possibilita não só a descentralização do eixo Sudeste de produção musical, mas também o transporte das cosmovisões dos povos nordestinos para outros territórios, agregando novas camadas à construção de seu trabalho.

Em 2024, Luana Flores embarcou em sua primeira turnê na Europa, levando o som do "Nordeste Futurista" para eventos internacionais como o MIL, em Lisboa, o MaMA, em Paris, e o Hefstival, em Rotterdam. Essa turnê é resultado de sua seleção para o Programa de Cocriação Brasil-França 2023/2024 da Semana Internacional de Música de São Paulo- [a SIM São Paulo], e pela Groover⁷, e da residência do programa Arte na Bagagem, da Secretaria de Cultura da Paraíba.

Luana Flores busca romper paradigmas, como o de uma "mulher nordestina sapatão fazendo beat⁸", o que ela mesma considera "uma coisa no futuro". Sua arte é um reflexo das transformações sociais e tecnológicas que redefinem a paisagem cultural brasileira, conforme análises de Laymert Garcia dos Santos (2003) sobre a relação entre tecnologia e cultura no Brasil. A artista se dedica a valorizar as colaborações, "sempre com mulheres, sobretudo nordestinas e LGBTQIAPN+⁹". Seu trabalho reflete sobre o futuro do Nordeste, abordando, por exemplo, o impacto da instalação desenfreada de parques eólicos na região. A artista também se dedica a abrir caminho para novas gerações, reforçando a importância da diversidade musical na indústria cultural através da realização de oficinas e mentorias.

Diversidade Cultural e Referências Musicais

⁷ A **Groover** é uma plataforma global voltada para **artistas independentes** que querem promover suas músicas e se conectar com profissionais da indústria musical (curadores, rádios, blogs, agentes).

⁸ Batida ou faixa sonora composta digitalmente.

"Nordeste Futurista" é um caldeirão de diversidade cultural, onde Luana Flores opera uma complexa alquimia sonora. A artista não apenas incorpora, mas interconecta as heranças rítmicas e melódicas do Nordeste com uma linguagem eletrônica globalizada. É possível identificar a presença marcante de ritmos como o forró (em suas diversas vertentes), o maracatu, com batidas potentes, o coco, com caráter lúdico, e o baião, com cadência sincopada característica. Essa fusão não é meramente estilística, mas uma tentativa consciente de expandir as fronteiras do que é compreendido como "música nordestina".

As referências musicais se estendem para além das fronteiras regionais. A influência de gêneros como o techno, o house e o *drum and bass* é palpável, mas não de forma a anular a identidade nordestina; antes, a potencializa. Como observa José Miguel Wisnik (2004) ao analisar a música brasileira, a capacidade de absorver e recriar influências externas é uma característica definidora de nossa produção. Luana Flores segue essa linhagem, criando um diálogo possível entre o local e o global.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa documental, configurada pela análise de uma obra musical, sob a perspectiva sociocultural de um produto fonográfico à luz da relevância e contribuição artístico-acadêmica para a música e para sociedade.

Todas as seis faixas do EP Nordeste Futurista foram ouvidas, ativamente, pelo menos 5 vezes, com auxílio de um monitor de áudio, da marca Edifier, modelo R980t-Home Studio Black.

Objetivo Geral

Investigar a musicalidade presente no primeiro EP "Nordeste Futurista" da multiartista Luana Flores.

Objetivos Específicos

1. Executar a escuta ativa, faixa a faixa, do EP;

2. Analisar e descrever a obra fonográfica sob uma ótica sociocultural;
3. Observar a diversidade artística que a obra abraça, suas referências musicais e o contexto histórico e social em que se insere;
4. Apresentar uma análise sonora descritiva a fim de contextualizar sua produção no cenário cultural brasileiro

Análise Faixa a Faixa do EP "Nordeste Futurista"

Capa do EP Nordeste Futurista



Fonte: Spotify web de Luana Flores

1. **"...Eu Vem" (feat. Vó Mera):** A faixa de abertura estabelece o tom do EP com a artista sendo apresentada pela própria avó Zélia, junto com a participação da Mestreira 'Vó Mera' ao final e das outras Mestras do Quilombo Caiana dos Crioulos de Alagoa Grande-PB. A canção explora a fusão de elementos eletrônicos com a sabedoria e a ancestralidade vocal dessas matriarcas, em tom de anúncio. A estrutura rítmica, sampleada da obra "O bojo do meu Zabumba", de domínio dos povos originários da Caiana dos Crioulos, é revitalizada por sintetizadores, criando um diálogo entre gerações e linguagens sonoras. Células rítmicas que lembram uma mistura de coco, embolada, samba de roda e *afrobeat*⁹. Com fortes timbres percussivos de atabaques,

⁹ Afrobeat é uma combinação de música iorubá, jazz, [...], funk e ritmos, fundido com percussão africana e estilos vocais, popularizado na África na década de 1970. Fonte: [Wikipédia](#).

agogô e pandeiro, a faixa é embalada por distorções eletrônicas de *reverb*¹⁰ e *delays*¹¹, mixando o tempo de impregnação da mensagem em nossos ouvidos. A voz de Vó Mera, carregada de memória, simbolismo e sabedoria, ganha aqui uma nova dimensão etimológica.

2. **"O Que Vem Ver" (feat. Mestra Ana do Coco):** Nessa canção: uma coprodução com Chico Corrêa, Luana Flores faz uma intervenção a partir de uma outra canção, chamada "Menina bonita" da Caiana dos Crioulos, mas agora convidando Mestra Ana do Coco, uma figura consagrada na cultura popular do coco na Paraíba, a sambar e embolar junto. A faixa mergulha profundamente nos ritmos do coco de roda, porque nasceu da residência artístico cultural de Luana no Quilombo do Ipiranga, localizado no município do Conde- PB. Utilizando a embolada para fazer uma levada com arranjos vocais somados à percussão do ganzá, palmas e a potência da voz para narrar as histórias experienciadas durante sua vivência no quilombo, junto da contribuição da Mestra Ana. A intervenção futurista de Luana se manifesta em camadas eletrônicas sutis, *sample*¹² e texturas de pífano que expandem o universo sonoro do coco sem descaracterizá-lo, levando a tradição para uma nova dimensão na roda de dança.
3. **"No Mei Dos Mato" (feat. Letícia Coelho):** Aqui, numa produção também em colaboração com Chico Corrêa, Luana estabelece uma conexão sonora rítmica com a brincadeira popular do Cavalo Marinho. E junto com a colaboração da artista Letícia Coelho e sua rabeca, esta faixa apresenta uma atmosfera mais festiva, lúdica e alegre, explorando paisagens sonoras que remetem ao ambiente familiar nordestino de morada da Luana Flores, e também da descoberta de um novo amor que a provocou poeticamente e a fez mudar de residência, contribuindo na sua escrita e criação musical. O som da rabeca, tocada por Letícia, com as passagens percussivas da marcha de Luana, declaram uma promessa de enraizamento territorial e apropriação de si, como forma de fortalecimento da própria história sociocultural em tempos de

¹⁰ Dispositivo de processamento de som que simula a reverberação acústica natural por meios mecânicos ou eletrônicos.

¹¹ Um dispositivo eletrônico que projeta sinais sobrepostos – ou seja, um som tocado diretamente, esse mesmo som **atrasado** por alguns milissegundos e esse som novamente alguns milissegundos depois; o **atraso** pode chegar a vários segundos, e o sinal reproduzido pode ser sobreposto inúmeras vezes por meio de um circuito de feedback.

¹² Pequena amostra sonora.

travessia pandêmica. Ao som de muito triângulo, zabumba e caxixi, um repente rimado é versado como desenho sonoro do improviso resistente diante da adversidade trazida com os desafios físicos e mentais impostos pela pandemia. Quando Luana fala, na letra dessa canção, “eu vou pro mato me embrenhar eu vou”, além de nos oferecer música e poesia, nos aponta também uma alternativa possível ao caos urbano e de morte instalado pela COVID-19, nos grandes centros urbanos.

4. **"Vai Trovejar" (feat. Doralyce):** A presença da artista Doralyce nesta canção sugere uma faixa de grande potência e resistência. Doralyce, conhecida por sua força vocal e letras engajadas, traz uma mensagem de empoderamento e denúncia. Luana Flores constrói uma base rítmica eletrônica robusta, dançante, com batidas intensas e a presença de uma guitarra delicada, que propõe um *groove*¹³ com balanço para afirmar as riquezas que a mãe-terra entrega. Quando enunciam que “vai trovejar, relampejar, vai chover na plantação, cana caiana, jaca, manga, macaxeira rasga o chão, uva, banana, traz farinha e traz feijão, rala milho e rala coxa, aqui tem coco do sertão”, criam um hino de celebração da diversidade e abundância que há no Nordeste brasileiro. Com sonoridade ritmada e impactante, à base do pandeiro em conversa com o berimbau, aliados à voz rasgada de Doralyce, constroem uma canção que traz a memória do seus ancestrais agricultores, do sítio da Jurema, dos processos de vida e morte e da presença de muita prosperidade e abundância, para deixar o registro da riqueza daquele povo aos novos artistas que chegam.
5. **"Suspendemos o Céu" (feat. Geórgia Cardoso):** Esta faixa se destaca por ser uma rítmica poética em parceria com a artista plástica Geórgia Cardoso. A natureza da colaboração indica que "Suspendemos o Céu" é um interlúdio mais experimental ou uma peça de *spoken word*¹⁴. A musicalidade aqui é mais atmosférica, ancestral, originária e abstrata, com texturas sonoras que complementam a declamação de Geórgia, explorando temas sobre o tempo fora de lugar, a expansão de consciência,

¹³ Em português, "groove" refere-se a um ritmo agradável e pronunciado em música, que cria uma sensação de balanço e convida à dança, ou, num sentido mais literal, ao sulco ou ranhura de um objeto, como um disco de vinil. Na música, o groove é a interação entre a seção rítmica e outros instrumentos, gerando um "swing" ou "balanço" que é a base de gêneros como funk, jazz e hip hop.

¹⁴ *Spoken Word* são leituras faladas de poemas ou contos de forma musicada, ocupando uma faixa da obra musical.

vida e morte, liberdade para construção de um novo olhar para a própria vida. É um convite à contemplação, à conscientização e à imaginação de um novo mundo.

6. **"Lampejo da Encruza" (feat. Edgar):** Encerrando o EP, com a colaboração do rapper Edgar e do produtor Chico Corrêa. Essa canção traz o reforço ao embate das estruturas colonialistas, machistas, preconceituosas e cerceadoras de liberdade esperada por Luana. Quando ela diz "calejo, mas num sinto medo", promete uma atitude resistente para expressar suas preferências: de gênero, de orientação sexual, de arte, de existência [demonstradas em toda a criação do EP] e advindas da vivência na pura pele cotidiana dos artistas aqui expressos. Encerrando com essa faixa de impacto autobiográfico, em colaboração com Edgar, traz uma sonoridade densa, complexa e representativa. Em fusão com o rap e a *spoken word* de Edgar, é uma das faixas de mais porcentagem eletrônica, com quebras de ritmos e retomadas de células rítmicas diversificadas. A canção aqui oferece um "lampejo" de conscientização e reflexão sobre o uso do tempo da vida, os efeitos serotoninérgicos do uso da boa música e a oferta de reflexão sobre os caminhos e as escolhas existenciais que podemos tomar enquanto estivermos ativos à apropriação do meio cultural.

Discussão com a Literatura: O Coco de Roda como Expressão de Reexistência e Identidade no Nordeste Contemporâneo

A obra de Luana Flores em "Nordeste Futurista" é um processo coletivo de construção de uma identidade sonora de relação com as raízes ancestrais e quilombolas, expressas através do coco de roda, do Cavalo Marinho, do repente e da embolada aliados às frequências de timbres com construções digitais. Seu produto dialoga com a literatura que aborda a relação entre música, identidade e tecnologia. A fusão de elementos tradicionais com sonoridades eletrônicas pode ser compreendida através das lentes da hibridização cultural, um conceito amplamente discutido por autores como Renato Ortiz (1994) em suas análises sobre a modernidade e a globalização no Brasil. Para Ortiz, a hibridização não é apenas uma mistura de elementos, mas um processo complexo de reconfiguração de identidades em contextos de interconexão cultural. Luana Flores, ao fundir o coco com o techno, cria uma nova identidade sonora para o Nordeste que é ao mesmo tempo local e global.

A obra dela pode ser vista como um estudo de caso da produção musical que não se limita a documentar práticas musicais existentes, mas também a trazer para dentro da construção da obra as inovações e transformações da vida em curso. Márcia Tosta (2008), em seus estudos sobre a indústria da música popular brasileira e sua mundialização tecnológica, discute a adaptabilidade das tradições musicais em face das novas mídias e ferramentas de produção. "Nordeste Futurista" exemplifica essa adaptabilidade de forma criativa e proativa.

Do ponto de vista artístico, Luana Flores se insere em uma linhagem de artistas brasileiras que, desde os movimentos modernistas, buscam uma identidade própria através da assimilação de influências externas. O movimento Manguebeat, com seu conceito de "uma antena parabólica enfiada na lama", como defendido por Chico Science, explorou a fusão de ritmos nordestinos com o rock¹⁵ e a música eletrônica. Luana Flores, em sua contemporaneidade, segue essa tradição de ousadia e experimentação, utilizando as ferramentas de sua época para redesenhar o que é a música nordestina.

Denise Ferreira da Silva (2019), em suas discussões sobre a descolonização do pensamento e a imaginação radical, oferece uma lente para compreender como o "Nordeste Futurista" não apenas cria uma nova estética sonora, mas também propõe uma narrativa de empoderamento e agência para a região. As diversas colaborações presentes no EP com figuras como Vó Mera, Mestre Ana do Coco, Doralyce e Edgar reforçam a ideia de um "futurismo" que se constrói a partir do diálogo com a ancestralidade e a resistência cultural.

A análise da obra de Luana Flores em "Nordeste Futurista" nos convida a uma reflexão aprofundada sobre as dinâmicas culturais do Nordeste brasileiro, especialmente no que tange à resignificação de tradições populares como o coco de roda.

A literatura acadêmica sobre o tema, notadamente os trabalhos de Barbosa (2022), Silva (2021) e Lago (2011), oferece um arcabouço teórico robusto para compreendermos o coco não apenas como um gênero musical, mas como um complexo fenômeno sociocultural, um espaço de "brincadeira e resistência" (BARBOSA, 2022).

¹⁵ Gênero musical que nasceu nos EUA nos anos 1950, caracterizado pelo uso da guitarra elétrica, um ritmo forte e energético, e letras que abordam temas variados como amor, rebeldia e crítica social.-----

O coco de roda, conforme aponta a pesquisa de Barbosa (2022) no Quilombo do Ipiranga (PB), transcende a dimensão do entretenimento para se afirmar como um instrumento de defesa do território e da territorialidade. A festa do coco, nesse contexto, é uma performance que articula memória, identidade e luta política, uma "festa-performance" que se contrapõe a processos de apagamento e invisibilização. Essa perspectiva dialoga com o trabalho de Fideles (2020), que também investigou o coco de roda no Quilombo Ipiranga-PB, destacando a importância da tradição e dos saberes ancestrais na constituição da identidade comunitária.

A dimensão de resistência cultural é igualmente central na tese de Santos (2007), que analisa as tradições populares como formas de "resistências culturais" frente à homogeneização imposta pela indústria cultural. O coco de roda, com sua estrutura participativa e sua capacidade de narrar o cotidiano, emerge como um potente vetor da memória coletiva e crítica social. Nesse sentido, a performance no coco, como detalha Ribeiro (2017) em sua análise sobre a cultura popular em João Pessoa (PB), é um ato de interação social que fortalece os laços comunitários e reafirma valores culturais. A "performance participativa", um dos conceitos-chave no trabalho de Ribeiro (2017), encontra eco na descrição de Barbosa (2022) sobre a festa do coco, onde a fronteira entre "artistas" e "público" se dissolve em uma celebração coletiva.

O protagonismo feminino negro no coco de roda paraibano, tema da tese de Silva (2021), adiciona uma camada de complexidade à nossa análise. Silva (2021) demonstra como as mulheres, especialmente as mestras de coco, são guardiãs da tradição e agentes fundamentais na conquista e defesa de territórios afro-diaspóricos. O coco de roda, sob essa ótica, é também um espaço de empoderamento e afirmação da identidade da mulher negra, uma perspectiva que enriquece a compreensão do "musicar local" e da performance feminina, como discutido por Tanaka (2021). O trabalho de Tanaka (2021), ao analisar a atuação de grupos como "Ana do Coco" e "Coco das Manas", reforça a importância de se atentar para as relações de gênero na música popular.

A pesquisa de Lago (2011) sobre o gênero coco e sua aplicação nos ajuda a sistematizar as características musicais e poéticas que definem o coco, ao mesmo tempo em que destaca

sua maleabilidade e capacidade de dialogar com o contemporâneo. O coco, como gênero, possui uma estrutura que permite a improvisação e a crônica do tempo presente, o que o torna um campo fértil para a experimentação artística, como a que Luana Flores propõe em "Nordeste Futurista".

Por fim, a discussão sobre "batuque" e "racialização sonora" apresentada por Santos (2020) nos oferece um panorama mais amplo para situar o coco de roda no contexto das músicas afro-diaspóricas no Brasil. Embora focada no batuque, o estudo de Santos (2020) levanta questões sobre identidade, memória e ressignificação que são transversais a diversas práticas musicais negras, incluindo o coco. A ideia de "ressignificações em diáspora" é particularmente potente para pensarmos como o coco de roda, ao ser incorporado e transformado por artistas como Luana Flores, continua a ser um campo de disputas simbólicas e afirmação identitária no século XXI.

Dessa forma, a obra de Luana Flores não apenas se insere em uma rica tradição de coco de roda, mas também a atualiza, projetando-a para um futuro onde a ancestralidade e a tecnologia se encontram. A discussão com a literatura aqui apresentada demonstra que o coco de roda é um fenômeno vivo, multifacetado e de profunda relevância social, política e cultural.

Considerações Finais

O EP "Nordeste Futurista" é um trabalho de grande relevância artística e acadêmica. A artista demonstra a habilidade em conciliar a riqueza das tradições musicais nordestinas com as possibilidades ilimitadas da música eletrônica contemporânea.

As colaborações com vozes e figuras emergentes da cultura nordestina, bem como com artistas de outras linguagens, enriquecem a proposta do EP, tornando-o um documento vibrante da confluência entre passado, presente e futuro. Ao fazer isso, Luana Flores não apenas produz um som inovador, mas também oferece um comentário perspicaz sobre a identidade cultural, a tecnologia e o futuro do Nordeste brasileiro.

A obra de Luana Flores se destaca como um exemplo paradigmático de como a música pode ser um vetor de ressignificação cultural, desafiando estereótipos e promovendo novas narrativas. O "Nordeste Futurista" não é apenas um projeto musical co produzido em colaboração com o experiente produtor Chico Corrêa, mas um manifesto que celebra a capacidade de inovação da região, mostrando que a tradição pode ser uma fonte inesgotável de inspiração para a construção de futuros possíveis.

Este EP, portanto, merece ser estudado e apreciado não apenas por sua beleza sonora, mas por sua profunda contribuição para o entendimento das dinâmicas culturais, sobretudo nordestinas, em um mundo cada vez mais desconectado e transculturalizado.

Referências

BARBOSA, Kátiusca Lamara dos Santos. "*Da brincadeira a resistência*": defendendo o território e a territorialidade através da festa do coco de roda no Quilombo do Ipiranga, município do Conde / PB. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. abril. 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23121>>. Acesso em: 04 jul. 2025.

CIRANDEIRAS E COQUISTAS DE CAIANA DOS CRIoulos – Tema. *O bojo do meu Zabumba*, abril. 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Cr6Nm5MmTkg>>. Acesso em: 02 de outubro de 2025.

_____. *Corresse Nego / Oh Menina Bonita / O Galo Cantou / Um Coco Novo*, fev. 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=98b1YmY5UDQ>>. Acesso em: 02 de outubro de 2025.

FIDELES, Paula Melissa Alves. *Tradição e saberes do coco de roda no Quilombo Ipiranga no Município do Conde - PB*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Abril. 2020. Disponível em : <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18014>>. Acesso em: 04 jul. 2025.

FLORES, Luana. *Luana Flores -Nordeste Futurista (EP) 2021*. Ago. 2021. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/2oaLKUVv37o19s0EYWxzEv>>. Acesso em: 04 de julho de 2025.

LAGO, Isabella Viggiano. *Cultura popular em sala de aula: o estudo do gênero coco*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura/Bacharelado em Música) - Instituto Villa-Lobos, UNIRIO,

Rio de Janeiro, 2011. Dez. 2011. Disponível em:

<<https://www.unirio.br/cla/ivl/cursos/isabellalago.pdf>> Acesso em: 02 de out. 2025.

LIRA, Socorro. *Aqui Tem Coco - Um dia em Caiana dos Crioulos* (Documentário). Disponível

em:<<https://www.youtube.com/watch?v=3uliDgoWnkk>>. Acesso em: 02 de outubro de 2025.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2007. Disponível em:

<<https://pt.scribd.com/doc/302736571/Ortiz-Renato-Mundializacao-e-Cultura>>. Acesso em: 02 de out. de 2025.

OXFORD MUSIC ONLINE. [S. l.]: Oxford University Press, [c2025]. Disponível em:

<<https://www.oxfordmusiconline.com/page/The-Oxford-Dictionary-of-Music>>. Acesso em: 5 out. 2025.

RIBEIRO, Fábio Henrique Gomes. Performance musical na cultura popular contemporânea de João Pessoa/PB. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Jun. 2017. Disponível

em:<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11329>> . Acesso em: 02 de out. 2025.

SÁ, José Carlos Vasconcelos e. Muniz Sodré. 2002. Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede. Petrópolis (RJ): Editora Vozes. Interações: Sociedade e as novas modernidades, [S. l.], v. 3, n. 4, 2003. Disponível em: < <https://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/76> >. Acesso em: 5 out. 2025.

SANSONE, Lívio. Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil, trad. de Vera Ribeiro, Salvador/Rio de Janeiro, Edufba/Pallas, 2004, 335 pp. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ra/a/CZfkB4dtJTPv4SVdixDQysJ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 02 de out de 2025.

SANTOS, Adalberto Silva. Tradições Populares e Resistências Culturais: Políticas Públicas em Perspectiva Comparada. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Jul. 2007. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1422/1/Tese_2007_AdalbertoSilvaSantos.pdf>. Acesso em: 02 de out. de 2025.

SANTOS, Marcos dos Santos. Perspectivas etnomusicológicas sobre batuque: racialização sonora e ressignificações em diáspora. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em:<

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/67468954/MARCOS_DOS_S_SANTOS_-libre.pdf?1622419640=&response-content-

[disposition=inline%3B+filename%3DPerspectivas_ etnomusicologicas_sobre_Bat.pdf&Expires=1759682921&Signature=11QPg6Nxj33DnrFNLd2a8tI83~D7WxxyPk1GtJ3hiGEgpU6hkNgiqgDZP45rNGqOvJ6lke5Wv~zhLOWiRUt6ejtTNWxjvq8XQ7nukEhcYLxEgZJMRw5haaprTuMUzuHARAgictRqsvrnCF9viyW3EMVTvayUUhhVY6NVp9vvlvIQyufZ-qLfpN96hmqUw71JXDPEgieNC76Qi-O4zYBbGiJPAXcREoxhk~df0gnT3jsd4cic9o8yaKFZZIs56C9mNilGkZX~3Xy3~HGkClZCcyPvjKWGcCumSYkFehwT3Du-aRTmsK6aCPkwJwz~37Rgr9xqtoen4KmdAPVSDvV~A_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://monoskop.org/images/1/19/Araujo_Hermetes_Reis_de_Tecnociencia_e_cultura_ensaios_sobre_o_tempo_presente.pdf) >. Acesso em: 02 de out. de 2025.

SANTOS, Laymert Garcia. *Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente* Hermetes Reis de Araujo (org.) ; Achim Seiler ... et. al. I- São Paulo: Estação Liberdade, 1998. Disponível em: <https://monoskop.org/images/1/19/Araujo_Hermetes_Reis_de_Tecnociencia_e_cultura_ensaios_sobre_o_tempo_presente.pdf> . Acesso em: 02 de out. de 2025.

SILVA, Erivan. *O protagonismo feminino negro no coco de roda paraibano: devires na conquista e defesa de territórios afrodiaspóricos*. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Dez. 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24917>>. Acesso em: 02 de out. de 2025.

SILVA, Denise Ferreira da. *A Dívida Impagável*. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019. Disponível em: <<https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>> . Acesso em: 02 de out. de 2025.

TANAKA, Harue. *Mulheres em performance musical: ações de um grupo de pesquisa em música e gênero*. In: FAZENDO GÊNERO 12, 2021, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: UFSC, 2021. p. 1-13.

DIAS, Márcia Tosta. *Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. São Paulo: Boitempo, 2008.

WISNIK, José Miguel. *O Som e o Sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.